

Oportuno debate sobre economia com o presidente

Deverá ser realizada no próximo sábado, na Granja do Torto, em Brasília, uma reunião sem precedentes no âmbito da Presidência da República. O presidente José Sarney convocou os ministros da Fazenda, do Planejamento, da Indústria e do Comércio e das Relações Exteriores, além dos chefes dos Gabinetes Civil e Militar e do SNI, para um encontro com seis economistas independentes, de reconhecida capacidade e experiência. Nenhuma pauta foi divulgada detalhando os assuntos que serão discutidos na reunião, que teria o caráter de um seminário para orientação do presidente.

Segundo informações correntes, a Granja do Torto, atualmente desocupada, passará a ser utilizada regularmente para a realização de outros seminários desse tipo, sobre temas diversos, colocando em contato direto os membros do governo com representantes dos meios acadêmicos, empresariais e da sociedade em geral.

Só o tempo mostrará em que grau esses colóquios serão proveitosos, mas, de qualquer forma, a

idéia é válida e oportuna. Em primeiro lugar, ela deve concorrer para reduzir o distanciamento da alta cúpula governamental, muitas vezes acusada de agir encastelada em Brasília sem tomar o pulso da sociedade em determinados momentos. É verdade que o atual governo, como é do estilo das democracias, tem feito questão de que o Congresso seja co-participante das grandes decisões. Com isso, restauram-se na prática algumas das principais prerrogativas do Poder Legislativo e passam a ser divididas responsabilidades na resolução de questões controversas. Mas isso não é tudo.

A própria ampliação da participação parlamentar aconselha que, a nível de assessoramento, o presidente e seus ministros possam colher uma variedade de opiniões. Com relação especificamente às questões econômicas, falou-se ainda durante a campanha eleitoral da chapa Tancredo Neves/José Sarney na constituição de um conselho, que se reuniria periodicamente para realizar análises e fornecer subsídios ao

governo, mais ou menos nos moldes do Council of Economic Advisers (CEA) do presidente dos Estados Unidos.

A idéia não foi adiante, e realmente ela teria, se adotada, visíveis inconvenientes. Se esse órgão, mesmo não tendo poder deliberatório, fosse independente, ele tenderia a chocar-se com outros altos conselhos do governo. Por outro lado, se trilhasse a linha da política econômica oficial, deixando de oferecer contribuições originais, o órgão não teria razão de ser. A experiência tem demonstrado que o CEA nunca conseguiu resolver a contento esse dilema, não sendo raros os casos em que se transformou em pólo de oposição, dentro da própria administração americana, à política econômica por ela colocada em prática.

O presidente Sarney teve o timo político de patrocinar uma solução não institucionalizada. O seminário na Granja do Torto deverá ser um encontro informal entre os ministros e economistas de várias tendências, ligados ou não a partidos políticos. E não há, a nos-

so ver, motivo para acreditar que a reunião desembocará em um confronto, uma vez que os ministros não deverão ser inquiridos, como seriam no Parlamento. Tudo indica tratar-se, principalmente, de uma discussão de alternativas.

Todos os participantes sabem perfeitamente que quase nunca há soluções ótimas para os problemas econômicos. Uma alternativa pode ser preferível sob determinado aspecto, mas dificilmente ela deixará de ser defeituosa sob outro. O que a discussão deve possibilitar é o esclarecimento das opções, demonstrando os custos que cada uma delas pode acarretar.

É possível que os debates, pelo menos em uma primeira aproximação, tendam a concentrar-se em questões de curto prazo. Mas o que se presume, pela qualidade das personalidades escolhidas para participar, é que o intercâmbio de idéias venha a contribuir sobretudo para delinear mais nitidamente os rumos do desenvolvimento econômico do País nesta fase decisiva de sua história.